

Ilusão do nós, verdade do Eu (*Je*): abordagem lacaniana da identidade¹

Clotilde Leguil

A propósito da identidade, o filósofo François Jullien afirma que “a reivindicação identitária é a expressão do recalcado produzido pela uniformização do mundo”². A globalização, desfazendo as fronteiras e os particularismos, teria como efeito retorno produzir o isolacionismo identitário, a aspiração ao local, diante do risco de desaparecimento das trajetórias singulares no universo mundializado.

Quanto mais os contornos de nosso mundo se estirarem para tentar nos fazer pensar que há um “nós” global, mais as fronteiras de um mundo mais próximo se inscreverão no mapa de nosso *Umwelt* cotidiano, introduzindo-nos em um outro “nós” - um “nós” concreto, local, que ressurgiria como o retorno do recalcado. Essa questão da identidade do “nós” é formulada por um outro filósofo, Tristan Garcia, cujo ensaio intitulado simplesmente como *Nous*³ dá conta dos diferentes círculos que podem ser traçados para representar o lugar, a partir do qual os indivíduos do século XXI tomam a palavra e reivindicam novos direitos. Essa primeira pessoa do plural diz, portanto, do esforço de inscrição de uma identidade política local frustrando as leis do global.

Fazer o luto do “nós”

Mas a identidade, tal como podemos defini-la baseados na experiência da psicanálise, não é da ordem de um “nós” produzindo subgrupos no seio da espécie humana e

engendrando o que Lacan considerava como efeitos de segregação. Nem ideal a alcançar, nem norma à qual seria preciso se conformar, nem o "Nós" no qual se trataria de se reconhecer contra os outros "nós". A identidade, em psicanálise, é abordada a partir do "Eu (Je)". Este "eu" não é o indivíduo, nem o ser "mediano" e "normal" que resulta dos cálculos da estatística, nem ainda o indivíduo que se identifica com uma comunidade de pertença hostil para com os outros. Não se trata tampouco do eu do narcisismo, surgido da certeza obtida do sentimento de si, que mergulha suas raízes no imaginário. O "eu" ao qual se refere a psicanálise freudiana e lacaniana é o Eu (Je) da fala e da linguagem, aquele que, falando, dá um lugar ao inconsciente, ou seja, o Eu da fala que surpreende.

A partir desse Eu, a perspectiva do inconsciente introduz uma luz inteiramente outra sobre a questão da identidade. Em psicanálise, a identidade não é da ordem de uma relação de si consigo, nem da ordem de uma relação de si com um grupo. Ela pode ser concebida, no seio da psicanálise, como uma relação singular com a existência por meio de nosso sintoma. A identidade tem a ver com o que excede toda norma e dá testemunho de nossa profunda inadaptação às normas do Outro. A propósito do sintoma, Jacques-Alain Miller afirma que ele não é senão "a identidade mais garantida" ⁴ de alguém. O sintoma, como manifestação de um sofrimento, faz obstáculo a toda transparência na relação consigo. Ele é um signo que faz mancha na existência e que merece ser decifrado. Assim, o que permite falar dessa identidade-sintoma enigmática é o fato de, a um só tempo, reconhecer o sintoma como aquilo que perturba e lhe conceder um valor de verdade sobre o ser. O sintoma é, a um só tempo, uma identidade e o que vem turvar a relação do sujeito com seu ser.

Ora, o sintoma não é formulado através de um "nós, as mulheres", "nós, os homens", "nós, os jovens", "nós, os

idosos", "nós, os crentes", "nós, os ateus", "nós, os angustiados", "nós, os desinibidos", "nós, as vítimas", "nós, os excluídos", "nós os winners", "nós, os losers". Ele se formula a partir de um "eu" remetido à sua própria opacidade, um Eu que é também um Outro, um Eu que escapa ao sentido comum.

Uma distância entre a identidade e o ser

Então, de qual trajetória se trata em uma psicanálise relativamente à questão da identidade e do trauma?

Em primeiro lugar, para que a psicanálise como prática seja possível, é preciso haver um desejo de saber por parte daquele que se queixa de seu sintoma, supondo uma distância possível entre o sintoma e o ser. Aquele que acredita saber quem ele é, a ponto de ter certeza disso, não poderá interrogar sua identidade por meio da fala. "Quando um sujeito se instala no discurso do mestre, quando um sujeito está inteiramente capturado nele, há uma soldagem da identificação" ⁵, assim enuncia J.-A. Miller.

Jacques Lacan, por sua vez, em 1946, chegou inclusive a pensar a loucura como um risco que "se mede pela própria atração das identificações em que o homem engaja, simultaneamente, sua verdade e seu ser" ⁶. Significa dizer que há loucura no fato de se crer demasiado firmemente em seu ser. Ele chamava isso de "enfaturação", a fim de lançar na conta do narcisismo a crença garantida em sua própria identidade. "O momento de virada é dado, aqui, pela mediação ou pelo imediatismo da identificação e, para dizer a palavra, pela enfaturação do sujeito" ⁷, assim ele o escreve em *Formulações sobre a causalidade psíquica*.

A psicanálise, portanto, não é um identitarismo, uma vez que ela contribui para desfazer as identificações demasiado poderosas que são também o núcleo das paixões daquele que se sente desconhecido pelo Outro, a ponto de se acreditar a "vítima eleita" do Outro. Esse possível

desprendimento em relação a essas identificações é também, e a um só tempo, uma maneira de escapar ao que Lacan chamava de "discurso do mestre". O ponto de partida de uma trajetória analítica é, portanto, a distância entre a identidade e o ser, distância da qual o conceito de identificação dá conta. Identificar-se é estar implicado subjetivamente naquilo que se acredita ser, apesar de nossa implicação ser insondável à nossa própria razão. Para haver um percurso analítico, é preciso então que o ponto de interrogação colocado depois da identidade seja possível. É preciso que, num dado momento, se formule a questão: "Quem sou eu?", "Quem é eu (je)"?

Assumir uma perda

Em segundo lugar, essa questão só pode ser formulada se o sujeito tiver feito a experiência de uma repetição traumática, que recobre com uma névoa espessa o sentido de sua existência. Santo Agostinho o formulava igualmente, em seguida à perda de um amigo que o deixou inconsolável: "Eu me tornara, para mim mesmo, uma imensa questão" ⁸.

Com efeito, o sintoma se articula com o traumatismo que deixou sua assinatura sobre o ser, levando-o a fazer a experiência do desamparo, o *Hilflösigkeit*. Esse sintoma se manifesta pela repetição, que é a repetição do encontro faltoso com o real, como o diz Lacan. O traumatismo pode se apresentar como uma experiência coletiva. Mas sua inscrição sobre a carne de cada um se fará, sempre, no singular. Se é possível haver um "nós" concernente ao encontro com um real traumático, na fala analítica tratar-se-á, no entanto, do "eu".

Michael Cimino, em sua obra-prima sobre a guerra do Vietnã, em 1978, soube mostrá-lo. *O franco atirador (Le Voyage au bout de l'enfer)* prossegue, depois, na solidão do sintoma. Christopher Walken (que interpreta Nick) sobreviveu ao jogo da roleta russa imposto por seus

carcereiros, mas o encontro com o pavor o deixará fixado para sempre a essa cena, nos antros de jogo de Saigon, onde ele não cessará de colocar sua vida em jogo como em uma aceleração infernal da comemoração do trauma.

Assim, o traumatismo preside ao que pode se inscrever, em cada um, como o inferno do sintoma. Como o enuncia Lacan:

O trauma, enquanto tem ação recalcante, intervém só depois, *nachträglich* [...] Daí por diante, aquilo não será mais algo do sujeito. O sujeito não o falará mais [...] Não obstante, ficará lá, em alguma parte, falado [...] Será o primeiro núcleo do que chamaremos, em seguida, os seus sintomas⁹.

Isto é o que permanece ali, falado em algum lugar, sem o sujeito, e que se faz conhecer por meio do sintoma.

Em terceiro lugar, e para concluir, a psicanálise conduz a defrontar-se com esses traços que permanecem inscritos no corpo libidinal, como traços dos quais o sujeito escolhe falar. Mas, se os traços são de ordem significante, no sentido de que eles podem ser interpretados e querer dizer alguma coisa, o núcleo traumático, por sua vez, remete ao que não poderá ser rememorado, nem simbolizado. Trata-se, então, em psicanálise, de identidade em um sentido novo. Pois a identidade não é mais apenas da ordem do sintoma que pode ser decifrado, mas também da ordem do que ali está, mas que nem por isso se deixa decifrar. Trata-se de poder nomear o que é impossível de historiar e que permanecerá para sempre separado do resto.

Essa marca traumática que a psicanálise permite cingir é a que introduz o sujeito em outra perda, diferente da perda de identidade inicial. Se os traços podem acabar por apagar-se, se é possível traçar sempre outros traços que farão esquecer os precedentes e conduzirão a reencontrar, por meio da fala, o que foi perdido, em contrapartida a

marca do trauma nunca se apagará e o que foi perdido nunca será reencontrado. Essa marca é da ordem de um inassimilável para o sujeito, no sentido em que o resto traumático nunca será metabolizado pela linguagem. Trata-se de uma perda de gozo que não poderá ser recuperada.

Lacan dizia assim: "A própria marca introduz no gozo a alteração da qual resulta a perda"¹⁰. O "eu" advém, então, separando-se irremediavelmente de todo "nós", assumindo o que faz dele um ser marcado de maneira singular por seu encontro com o mundo do Outro. Este Eu-ali (*Je-là*) se define, assim, não a partir de uma certeza identitária, nem a partir do sentimento de ser, afinal, normal e como todo mundo, mas a partir de certa "assunção da perda" que fará com que possamos, cada um, assumir o fato de, nesse ponto, não nos parecermos com nenhum outro. Pois, afinal, é a maneira como cada um de nós assume nossa perda que nos distingue e nos dá nossa unicidade.

Tradução: Vera Avellar Ribeiro.

¹ Intervenção de abertura da Jornada do Departamento de Psicanálise da universidade de Paris 8 - Saint-Denis, sobre "Identidade e trauma", em 9 de janeiro de 2017, primeiramente publicado em *Lacan Cotidiano* n. 619, janeiro, 2017. Clotilde Leguil é professora titular de filosofia e Mestre de Conferências do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris 8 - Saint-Denis, membro da Escola da Causa Freudiana e da Associação Mundial de Psicanálise. Autora de: *Les amoureuses, voyage au bout de la féminité*, Seuil, 2009; *Sartre avec Lacan: corrélation antinomique, liaison dangereuse*, Navarin-Champ freudien, 2012; *In treatment, lost in therapy*, Presses universitaires de France, 2013; *L'être et le genre. Homme/Femme après Lacan*, Paris, Presses Universitaires de France, 2015, recentemente lançado em português: *O ser e o gênero. Homem/Mulher depois de Lacan*, São Paulo, EBP editora,

2016. Agradecemos a Clotilde Leguil por sua amável autorização para publicarmos sua intervenção nesta Opção Lacaniana online.

² JULLIEN, F. (2016). *Il n'y a pas d'identité culturelle*, L'Herne apud TRUONG, N. "Mobilisons nos ressources!" In: *Le Monde*, Paris, 1 de outubro de 2016.

³ GARCIA, T. (2016[2011]). *Nous*. Paris: Grasset.

⁴ MILLER, J.-A. (1998). "Le symptôme: savoir, sens et reel". In: *Le Symptôme-charlatan, textes réunis par la fondation du Champ freudien*. Seuil: Coll. Champ Freudien, p. 55.

⁵ MILLER, J.-A. "Do sintoma à fantasia e retorno". In: *Orientação Lacaniana*. Inédito, lição de 23 de fevereiro de 1983.

⁶ LACAN, J. (1998[1946]) "Formulações sobre a causalidade psíquica". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 177.

⁷ IDEM. *Ibid.*, p. 171.

⁸ SAINT AUGUSTIN apud LIBERA, A. (2015[2013-2014]). *L'invention du sujet moderne*. Paris: Vrin, p. 226.

⁹ LACAN, J. (1986[1953-1954]). *O seminário*, livro 1: *os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 222.

¹⁰ IDEM. (2008[1968-1969]). *O Seminário*, livro 16: *de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 119.